

ROMANCES TRADICIONAIS DO CONCELHO DE LOURES*

J. J. DIAS MARQUES

*À Maria Angélica
companheira de recolha*

I

Nos últimos meses de 1823 ou em Janeiro de 1824, uma jovem de Lisboa de quem, infelizmente, não conhecemos o nome, amiga de Almeida Garrett, recolheu (a pedido do escritor, então exilado em Inglaterra) cerca de quinze versões de romances ⁽¹⁾. Esta recolha (à primeira, sublinhe-se, a ser feita da Tradição oral moderna, não só portuguesa, mas pan-ibérica) teve como informantes “amas secas e lavadeiras e saloias velhas” ⁽²⁾. A segunda e a terceira das categorias indicadas mostram claramente que parte das informantes ouvidas eram naturais da região saloia.

* Este artigo foi apresentado como comunicação ao I Colóquio de Etnografia da Região Saloia, realizado em Sintra de 4 a 6 de Junho de 1987.

No Colóquio, por impossibilidade de comparência do autor, a comunicação foi lida por Maria Angélica Reis da Silva, a quem aquele muito agradece.

(1) V. o nosso artigo “Nota sobre o Início da recolha do Romanceiro da Tradição Oral Moderna”, *Boletim de Filologia*, n.º XXXII (no prelo).

(2) Almeida Garrett, *Romanceiro*, edição revista e prefaciada por Fernando de Castro Pires de Lima, [Lisboa], F.N.A.T., 1963, I vol., p. 53. Estando, neste momento, fora de Portugal, não nos foi possível consultar esta obra na sua mais recente edição (organizada por Augusto da Costa Dias *et al*, Lisboa, Editorial Estampa, 1983), a qual se deve preferir, sobretudo por transcrever muitos passos do manuscrito garrettiano que está na base dos textos do *Romanceiro*, manuscrito esse cuja publicação integral e estudo são uma necessidade urgente.

Note-se que, embora mais tarde ⁽³⁾, Garrett afirme que os romances desta recolha (e mais alguns outros de que dispunha em 1828-29) tinham sido “quase todos coligidos nas circunvizinhanças de Lisboa” ⁽⁴⁾, portanto no campo, não é de excluir a hipótese de parte (pelo menos) das versões saloias terem sido recolhidas na própria capital, embora de informantes que aí se deslocavam vindos da região saloia. Com efeito, é altamente provável que, na carta escrita à sua amiga pedindo o envio de romances, Almeida Garrett, baseando-se na própria experiência ⁽⁵⁾, aconselhasse a sua correspondente a interrogar as criadas velhas que tinha em casa. E, assim, terá entrado na História do Romanceiro – embora anonimamente – a “criada velha da província do Minho, há muito ano aqui [em Lisboa] residente” ⁽⁶⁾, que cantou, pelo menos, a versão de *Silvana + Delgadinha* publicada logo em 1828, por Garrett, em apêndice à *Adozinda*, a que servira de base.

E, depois de entrevistar esta e outras criadas (a elas se referirá a citada designação de “amas secas”), é possível que a jovem colectora tenha tentado a sua sorte junto de novas potenciais informantes, mulheres do povo que podia ter à mão, em casa, ou seja, as já referidas “lavadeiras” (que, dos arredores de Lisboa, vinham à cidade buscar roupa para lavar) e outras “saloias velhas” (que de porta em porta, traziam para vender produtos das suas hortas). E assim, sem sair de casa, a jovem colectora terá provavelmente feito, no todo ou em parte, a sua recolha. Esta hipótese, cremos, não é impossível, pois certamente não seria visto com bons olhos que uma menina da alta sociedade lisboeta de 1823 andasse em excursão pelas aldeias saloias, perguntando por cantigas velhas.

Mas, tenha a recolha sido feita ou não *in loco*, é um facto que a Tradição oral saloia desempenhou, como vemos, um papel importante nos inícios da exploração do Romanceiro na época moderna.

Que romances terão sido recolhidos nessa altura é informação que Garrett não fornece. Talvez o estudo do manuscrito que referimos na nota (2) possa vir a dar algumas respostas. Por enquanto, tendo apenas por base o *Romanceiro*, e, mais precisamente, os prefácios de cada romance e a indicação das variantes, poderemos tão somente estabelecer uma lista

(3) A citação anterior é extraída do prefácio à *Adozinda* (1828) e a que a seguir damos no texto é do prefácio ao I vol. do *Romanceiro* (1843).

(4) Garrett, *op. cit.*, I, p. 31.

(5) *Op. cit.* I, p. 52 e II, p. 78.

(6) *Op. cit.*, II, p. 137.

dos romances de que Almeida Garrett afirma possuir versões *de Lisboa*, o que, muito provavelmente, significará “circunvizinhanças de Lisboa”, ou seja, portanto, a região saloia. São eles ⁽⁷⁾: *Regresso do Marido*, *Conde Alarcos*, *D. Aleixo*, *Silvana + Delgadinha*, *Conde Claros e a Princesa Acusada*, *Má Sogra*, *Donzela Guerreira*, *Cativo do Renegado*, *Nau Catrineta*, *Deus te salve*, *Rosa*, e ainda, cremos, *Bernal Francês + Aparição* ⁽⁸⁾.

É possível que alguns destes romances tenham sido conseguidos em recolhas posteriores à feita pela jovem anónima de Lisboa em 1823 ou 24. Dois deles, pelo menos, são-no: a *Má Sogra* e o *Deus te Salve, Rosa*, que foram recolhidos pelo próprio Garrett, respectivamente, “de uma saloia velha das vizinhanças de Lisboa”, em 1843 ⁽⁹⁾, e de uma lavadeira de Linda-a-Pastora, concelho de Oeiras, – então zona nitidamente rural, parte da região saloia ⁽¹⁰⁾ – talvez em 1848 ⁽¹¹⁾.

Quanto aos textos saloios originais, é quase impossível conhecê-los a partir das versões impressas no *Romanceiro* as quais, como se sabe, são factícias, compostas de extractos de várias proveniências regionais e de versos da própria autoria de Almeida Garrett ou por ele traduzidos de textos castelhanos. Só o estudo do manuscrito atrás referido poderá contribuir para tal conhecimento.

II

É sabido que a distância geográfica (assim como a temporal) empresta às coisas, povos e regiões um prestígio *exótico*, como o não têm aqueles que nos estão perto e que, por isso mesmo, pensamos conhecer profundamente. Tal ajudará a explicar, pelo menos em parte, o facto de,

(7) Não utilizámos os títulos atribuídos por Garrett, mas sim os habitualmente usados pela crítica actual.

(8) Deste romance, Garrett afirma possuir um texto “copiado da lição vulgar da Estremadura” (*Op. cit.*, II, p. 159). Ora, fazendo este texto parte da recolha inicial, enviada pela jovem de Lisboa (como tal, foi publicado em 1828, na introdução da *Adozinda*), parece-nos que, no caso presente, se deve entender “Estremadura” como “região saloia”. Não se pense, contudo, que esta equivalência geográfica se possa estender a todas as indicações *estremenhas* fornecidas por Almeida Garrett, pois em vários passos do *Romanceiro* é nítido que “Estremadura” e “[arredores de] Lisboa” designam zonas diferentes (V., por exemplo, III, p. 86: “O romance [refere-se ao *Cativo do Renegado*] anda por Lisboa, Ribatejo e Estremadura”).

(9) *Op. cit.*, III, p. 54.

(10) V. nota (12).

(11) *Op. cit.*, III, pp. 195-7.

durante mais de cem anos, posteriormente à época de Garrett, a Tradição romancística saloia ⁽¹²⁾ quase não ter voltado a ser explorada ⁽¹³⁾, ao contrário da de outras regiões de acesso difícil, situadas a distâncias bastante maiores de Lisboa ou dos grandes centros, como aconteceu, sobretudo, com o distrito de Bragança.

Tal estado de coisas perdurou até 1957, ano em que Maria Rosa Lila Dias Costa, decidindo preparar a sua tese de licenciatura, de carácter linguístico-etnográfico, sobre uma aldeia do concelho de Loures, a Murteira, redescobriu o antigo reportório romancístico oitocentista. “Os romances – afirma ela – constituíram para mim um motivo de feliz surpresa pois nunca pensei que pudessem existir a dois passos de Lisboa e ainda vivas tais narrativas em verso” ⁽¹⁴⁾.

Foram os seguintes os temas recolhidos por Rosa Dias Costa (alguns em mais de uma versão): *Delgadinha, Regresso do Marido, Donzela Guerreira, Conde da Alemanha, Nau Catrineta, Aposta Ganha + Conde Claros Frade, Lavrador da Arada, São José e a Virgem, Alma Pecadora, Santo António Salva o Pai da Força, Padre-nosso Pequenino, Carminda, Rosalina, Eu amei uma menina, Vitória e Menina que enganar se deixa*.

Não obstante os interessantes resultados obtidos – para os quais, alguns anos depois, o Prof. Lindley Cintra chamava, aliás, a atenção ⁽¹⁵⁾ –, só na década de 70 voltamos a ter notícia de romances recolhidos na região saloia. Com efeito, em 1978, o Prof. Viegas Guerreiro escrevia: “(...) recentemente, em pleno campo saloio, na aldeia de Salemas [concelho de Loures], a vinte quilómetros de Lisboa, ouvimos de uma mulher velha uma bela versão do Conde Flores ⁽¹⁶⁾.

(12) Nesta comunicação, tratamos apenas da região saloia estrita, ou seja, os concelhos de Loures, Sintra e Mafra e as zonas rurais que, no tempo de Garrett ou posteriormente, existiam (e algumas ainda existem) nos concelhos de Lisboa, Oeiras e Cascais (cf. Leite de Vasconcelos, *Etnografia Portuguesa*, III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1942, p. 433 e ss).

(13) Tanto quanto sabemos, a excepção é constituída apenas por duas versões (as n.ºs 125 e 173, respectivamente, do *Conde da Alemanha* e do *Conde Alarcos*) recolhidas no concelho de Mafra, incluídas no *Romanceiro Português* de Leite de Vasconcelos (Coimbra, Por Ordem da Universidade, I, 1958, pp. 149-150 e 209-10).

(14) *Murteira, uma Povoação do Concelho de Loures. Etnografia, Linguagem, Folclore*, [Lisboa], Junta Distrital de Lisboa, MCMLXI, p. 14.

(15) No prefácio à obra de Joana Lopes Alves *Linguagem dos Pescadores da Ericeira*, [Lisboa], Junta Distrital de Lisboa, 1965, p. 8.

(16) *Para a História da Literatura Popular Portuguesa*, [Lisboa], ICALP, 1978 (Biblioteca Breve, n.º 19), p. 93.

No rasto destes investigadores, tentámos também nós sondar a Tradição saloia. E assim, em 15 de Maio de 1982 (neste dia, juntamente com Maria Angélica N.C. Reis da Silva), 24 de Julho de 1985 e 11 de Janeiro de 1986, visitámos algumas aldeias do concelho de Loures – Murteira, Malhapão, Salemas, Lousa, Cabeço de Montachique, Montachique de Baixo, Lapas, Torneiro, Ribas de Cima e Ribas de Baixo ⁽¹⁷⁾ – procurando romances. Os resultados obtidos podem considerar-se bons, se tivermos em conta de que região se trata: 19 temas diferentes, entre romances de origem velha, religiosos e vulgares, num total de 25 versões completas e 19 fragmentos.

O estado da Tradição é, contudo, de completa decadência, dado que o Romanceiro perdeu hoje toda (ou quase toda) a funcionalidade prática que fundamentalmente garantiu a sua vida durante séculos. O canto dos romances, na verdade, há muito que já aqui se não ouve, como antigamente, acompanhando o trabalho das lavadeiras de profissão ⁽¹⁸⁾ quando lavavam ou estendiam a roupa (“Estas cantigas aprendi-as no rio, a lavar” – Adelina Feliciano, 83 anos, Lousa; “Cantavam-se a estender roupa, no tojal, nas montanhas. Nós cá chamamos o tojal. Cantava uma dum lado, outra doutro” – Sofia Maria, 67 anos, Murteira), durante algumas actividades agrícolas (“Cantava-se, a gente, às vezes, a tirar carolos na eira, a debulhar o milho das maçarocas, aos serões. E a gente cantava e eu aprendia” – Virgínia Gertrudes Natália, 84 anos, Murteira; “Quando a gente andava nos campos, cantava estas coisas, às vezes a mondar trigo, assim” – Lucinda Lopes Duarte Dias, 61 anos, Murteira), ou nos bailes, servindo de música para dançar (“Fazíamos os bailaricos para nós era com estas cantigas. Ali, a dançar uma moda. Cantava eu; estava eu cansada, cantava aquela; depois vinha outra, e assim” – Sofia Maria). Mesmo em casa, canta-se cada vez menos (“Agora não, mas dantes cantava” diz a informante Sofia Maria, que, contudo, noutro momento, afirmara: “Agora ninguém canta nada [nos bailes, no rio]. Às vezes aqui em casa é que canto sozinha”).

Também se usam já pouco os romances religiosos e as orações narrativas, que antigamente se diziam quando, muito simplesmente, se

(17) Em Lousa, Cabeço de Montachique, Lapas, Ribas de Cima e Ribas de Baixo não conseguimos recolher material.

(18) De que subsistem muito poucas. Na Murteira, por exemplo, onde chegaram a ser mais de 30, já só existe uma (Informação de D. Sofia Maria).

tinha vontade ou necessidade de rezar (caso, sobretudo, do *Padre-nosso Pequenino*, segundo depoimento de várias informantes), em momentos certos do dia (“Isto [o romance *Madanela* que começa “*Lá vem o sol a nascer lá por trás daquela serra*] é reza, quando o sol vem a nascer. Às vezes, quando eu ia para Lisboa – eu era lavadeira – ia o sol a nascer lá por trás da serra e eu dizia”. Glória Maria, 83 anos, Murteira), durante a missa, no tempo em que esta era em latim e os fiéis não sabiam a língua nem tinham missais bilingues para seguir a cerimónia, por serem demasiado pobres para os comprarem ou, simplesmente, por não saberem ler (nessa altura, recitavam-se mentalmente todas as orações, *canónicas* ou não, que se sabiam, como, por exemplo, o *Padre-nosso Pequenino*, o qual “rezava-se quando a gente ia às missas” – Glória Maria; “O padre dizia em latim, mas a gente sabia isto” – Adelina Feliciano) ou até durante o trabalho, como distração (“Isto [o *Lavrador da Arada*] não se cantava. Era uma senhora que estava... A gente estava num tanque a lavar, iamos lavando, e ela ia dizendo essas coisas” – Adelina Feliciano).

Perdida a sua função prática, quebrado o fio da Tradição, que transmitia os romances de pais para filhos, não surpreende que os jovens hoje os não conheçam e que todas as informantes ⁽¹⁹⁾ tenham ultrapassado os 60 anos (com excepção de uma senhora de 48). Aliás, a informante de mais vasto reportório (Adelina Feliciano, infelizmente entretanto falecida) tinha já 83 anos quando a entrevistámos.

É urgente, portanto, que, enquanto é tempo, a Tradição oral saloia (e a de todo o País) seja explorada do modo que merece. As câmaras municipais, as juntas de freguesia, as agremiações, a imprensa local, os professores do ensino primário e secundário, todas as pessoas interessadas pela defesa do património cultural das suas terras podem e devem colaborar na recolha e publicação destes textos e destas músicas, antes que eles se percam para sempre, como se nunca tivessem existido.

III

Para concluir, apresentamos algumas das versões que recolhemos e nos parecem mais interessantes. Na transcrição, respeitámos, evidentemente, as particularidades linguísticas regionais, embora, para não dificultar a leitura dos textos, não tenhamos reproduzido as

(19) Note-se que 100% dos informantes eram mulheres.

características fonéticas saloias (aliás, sem novidades em relação às já estudadas por Rosa Dias Costa), a não ser quando se reflectem na métrica (por exemplo, “marafim”). Quando a informante mostrava ter consciência de omitir hemistíquios ou versos, assinalámos tais lacunas com (...). Os termos cuja decifração apresenta dúvidas vão seguidos de [?].

Antes da antologia, apresentamos uma lista dos romances que recolhemos, com indicação do número das respectivas versões. Para alguns romances menos conhecidos, cuja identificação, pelo título, poderia levantar dúvidas, fornecemos, entre parênteses, paralelo nas obras de Leite de Vasconcelos, Rosa Dias Costa ou Manuel da Costa Fontes. Não conhecemos versões publicadas do último romance da lista.

ROMANCES RECOLHIDOS

Frag. = Fragmento

Romances de origem velha

O Regresso do Marido: 2+3 frag.

O Regresso do Navegante: 1

Conde Alarcos: 1

A Má Sogra: 1 frag.

A Má Sogra + O Regresso do Navegante: 1 frag.

A Aposta Ganha: 1 frag.

A Aposta Ganha + Conde Claros Frade: 1

Conde da Alemanha: 1

Frei João: 2 frag.

Delgadinha: 3+2 frag.

Romances religiosos e orações narrativas

O Lavrador da Arada: 1

Madalena (cf. Leite de Vasconcelos, *Romanceiro Português*,
versões 901-915): 1

Padre-nosso Pequenino (três tipos diferentes): 9

Barca Bela: 1 frag.

Romances vulgares

Carmina (cf. Rosa Dias Costa, *Murteira*, p. 323): 1+1 frag.

Rosalina (*Id.*, op. cit., p. 321): 2 frag.

Eu amei uma menina (Leite de Vasconcelos, op. cit. n.º 932):
2+1 frag.

O Canário: 3 frag.

Nova para Casar: 1 (Cf. Costa Fontes, *Romanceiro Português do Canadá*, n.ºs 498-499)

Adeus, ó Casal de Almornos: 1

ANTOLOGIA

-1-

O REGRESSO DO MARIDO ⁽²⁰⁾

Sofia Maria, 67 anos. Murteira, 24-7-1985. Nova entrevista a 11-1-1986. Recolha de J.J. Dias Marques.

Transcrição musical de Walter Brunetto ⁽²¹⁾

(20) No Colóquio, esta versão foi apresentada sob uma forma filmada, excerto de *O Romanceiro*, série de doze episódios para a televisão, concepção geral, recolha das versões e textos explicativos de J. J. Dias Marques, produção Cinequipa/R.T.P., realização de F. Matos da Silva.

(21) *Comentário musicológico* (por Walter Brunetto):

O trecho é composto pela repetição, com variações, de diversas estrofes, estruturadas de modo assimétrico. Esta assimetria é causada pela frase A (composta por seis compassos binários, ricos de síncopes e de *legati*), a que se seguem as frases B e C, iguais entre si quanto à estrutura métrica, regularidade dos acentos e extensão (três compassos).

A estrofe compreende, portanto, dois blocos autónomos: o primeiro, constituído pela frase A, em que a melodia desce de tónica; o segundo, formado pelas frases B e C, ligadas entre si por uma relação de pergunta/resposta, dominante/tónica.

A entoação é temperada, com excepção do si bemol do final da frase A. O ritmo é substancialmente regular. Na primeira estrofe do trecho (a que aqui transcrevemos), a pulsação é irregular apenas na pausa que precede a frase C.

A melodia estende-se na oitava si bemol 3 si bemol 4 do modo menor natural de si bemol. Em algumas passagens da frase A, o sexto e o sétimo graus da escala são alterados.

- Estando eu no meu jardim, meu cabelo penteando,
 2 deitei os olhos ao mar, eu vi uma grande armada.
 Capitão que vinha nela e vinha bem governando.
 4 – Viva lá, seu capitão, viva lá, seu camarada.
 Você não viu o meu marido?
 6 – Eu não vi o seu marido nem seu marido lá estava.
 Diga-me você, senhora, que sinais ele levava.
 8 – Levava cavalo branco, cavalo branco levava,
 na ponta da sua lança, laço de fita encarnada.
 10 – Eu lá vi o seu marido e o seu marido lá estava,
 eu lá vi o seu marido com vinte e uma facada,
 12 a mais pequena delas todas era o pescoço cortado.
 – Ai triste de mim viúva e ai triste de mim coitada,
 14 com três filhinas que tenho sem nenhuma ser casada!
 – Que me dá você, senhora, trago o seu marido aqui?
 16 – Com três laranjeiras que tenho, todas eu lhe dou a si.
 – Laranjeiras não as quero, que não me pertence' a mim.
 18 Que me dá você, senhora, trago o seu marido aqui?
 – Com três moinhos que tenho, todos eu lhe dou a si.
 20 É um de moer canela, outro de pau de alecrim,
 outro de sopinhas alvas que eu agora aqui comi.
 22 – Seus moinhos não os quero, que não me pertence' a mim.
 Que me dá você, senhora, trago o seu marido aqui?
 24 – As telhas do meu telhado são de ouro, de marafim;
 as telhas do meu telhado todas eu lhe dou a si.
 26 – Suas telhas não as quero, que não me pertence' a mim.
 Que me dá você, senhora, trago o seu marido aqui?
 28 – Com três filhinas que tenho, todas eu lhe dou a si.
 É uma para o vestir, é outra para o calçar,
 30 a mais bonita de todas para consigo casar.
 – Vossas filhas não as quero, que não me pertence' a mim.
 32 Que me dá você, senhora, trago o seu marido aqui?
 – Cavalheiro que tanto pedes, que te abaixas a pedir!
 34 Não tenho mais nada que lhe dar nem você que me pedir.
 Só se for meu coração, para consigo dormir.
 36 – E o anel de sete pedras que eu contigo reparti?
 Que é dele a tua ametade, que a minha tenho aqui?

38 – Se eras o meu marido, não me experimentasses assim.

Variantes – 3b. *omite* e; 5. *omite*; 7a. D.-m. lá, por favor, q.; 10b. e 13b. *omite* e; 16a. Com três filhi... (*engano da informante, que recomeça como vai no texto*); 16.-18. *omite*; 18a. q. m. d. a s. (*engano da informante, que recomeça como vai no texto*); 20b. e o.; 23a. d. a s.; 24b. o. e d.; 25a. eu a.; 26a. Vossas t.; 29b. e a o.; 33a. t. pede; 36a. *omite* E; 37b.

Notas – 21a. sopinhas alvas, *segundo explicação da informante*, “eram sopas de pão alvo migado em sopa de couves e toucinho”. O pão alvo era só de farinha de trigo e comprava-se ao padeiro, que vinha à aldeia vender, com uma carroça. O pão feito em casa, pelo contrário, era duma mistura de trigo e milho.

No final da versão, à pergunta do colector “E acabava assim?”, a informante responde: “Acabou assim. Eu também, às vezes, até em casa (agora não, mas dantes cantava) dizia assim: 'Como é que será o fim? Há-de ter outro fim' Mas eu não sei. Eu ouvia assim”. Quando visitámos a informante pela segunda vez, ela explicou-nos que falara, entretanto, como uma sua vizinha, a qual lhe dissera que o romance não terminava deste modo. A pedido da informante, a referida vizinha escreveu-lhe num papel (que a informante nos mostrou) os seguintes versos, que constituíam o verdadeiro fim do romance:

Vinde cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.

Abra-se o nobre portão, há tanto tempo fechado.

Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

Trata-se, como vemos, do final da vulgata do romance divulgada pelos livros de leitura da instrução primária, nomeadamente O Livro da 3.^a Classe, obra difundidíssima. A nossa informante explicou-nos, contudo, que a sua vizinha (senhora de uns 20, 30 anos) lhe dissera ter aprendido o romance “com uma pessoa antiga”.

–2–

O REGRESSO DO NAVEGANTE

Adelina Feliciano, 83 anos. Natural de Lousa, onde aprendeu os romances que sabe. Entrevistada em Montachique de Baixo (onde, no

momento, residia) a 15-5-1982. Recolha de Maria Angélica Reis da Silva e J. J. Dias Marques.

- Deus a salve, ó minha tia, no seu jardim assentada.
2 Com o seu pente de ouro fino, seu cabelo penteava.
– Venha com Deus, seu cavalheiro, é cortês, sabe falar.
4 – Que é do meu cavalo, tia, que eu aqui deixei ficar?
– O teu cavalo, sobrinho, já o rei mandou buscar.
6 – E a minha amante prima, que eu aqui deixei ficar?
– A tua amante, sobrinho, está hoje para casar.
8 – Diga-me lá, ó minha tia, se eu lá posso chegar.
– Isso não, meu sobrinho, que te podem lá matar.
10 – Não matam, minha tia, que eu sou cortês, sei falar.

Depois chegou à porta. Era no tempo que se comia primeiro que se fosse ao Registo ou à igreja.

- Viva, os senhores da boda, se, por acaso, estão a jantar.
12 – Apeie-se, seu cavalheiro, se também quer petiscar.
– Eu não desejo da boda nem tão pouco do jantar.
14 Só desejo ver a noiva, que é minha prima carnal.

E ela vem lá de dentro, a chorar. E ele disse:

- Se tu choras por me ver, eu me mando retirar.
16 – Não choro por te ver nem tão pouco por te falar,
só choro o meu pouco juízo mais um dia não esperar.

E ele diz:

- 18 – São os meus primeiros amores, já não os posso aqui deixar!
De ferraduras de bronze meu cavalo mandei ferrar:
20 uma noite nem um dia nós devemos de andar!

Variantes – 2a. omite Com o (engano da informante, logo emendado como vai no texto); 4a. Deus a salve ó minha tia... (engano da informante, logo emendado como vai no texto); 4a. Q. é da minha aman...

(engano da informante, logo emendado como vai no texto); 4b. omite; 6a. Então e a minha amante sobri... (a informante pára e recomeça:) ... a minha prima... (nova paragem da informante, que recomeça o verso como vai no texto); 9a. s. não; (engano da informante, logo emendado como vai no texto); 13a. omite Eu; 14a. v. a p... [i. e. prima?] (engano da informante, logo emendado como vai no texto); 16 e 17. omite ; 18. Lá estão os p. a., eu n. o. p. a. d.; 20 verso recordado com muita dificuldade pela informante, que, primeiro, dissera uma noite e um dia..., depois, uma noite qualquer havemos de andar e, só mais tarde, (quando, por insistência dos colectores, repete novamente esta passagem), a forma que vai no texto, a qual não parece, aliás, satisfazê-la totalmente. Quando, depois, recitou a versão que adiante damos com o n.º 4, a informante, ao chegar ao último verso (Uma jornada de oito dias uma noite havemos de andar), comenta baixinho “A mesma”, o que, muito provavelmente, significa que se trata da mesma coisa, ou seja, que este é o mesmo verso que surgia no fim do Regresso do Navegante e que, aí, não fora recordado correctamente. Talvez fosse, portanto, de substituir por aquele verso o verso 20 (na verdade, pouco claro) da presente versão, mas não nos atrevemos a tanto.

–3–

A MÁ SOGRA + O REGRESSO DO NAVEGANTE

Olinda Justa Simões, 64 anos. Salemas, 24-7-1985. Recolha de J. J. Dias Marques.

- Quem me dera de à para aqui, quem me dera de à para além,
- 2 quem me dera estar agora na casa da minha mãe!
- A menina que diz isso faz favor de se mudar,
- 4 que em o seu marido vindo eu lhe ponho [?] de [?] jantar [?].
Palavras não eram ditas e ele que vinha a chegar.
- 6 Ela numa porta a sair e ele por outra a entrar.
- Que é da minha esposa, tia, que eu aqui deixei ficar?
- 8 A tua esposa, sobrinho, já se foi a cativar.
- O que me diz, minha tia, se eu lá poderei chegar?
- 10 – Não vai lá, ó meu sobrinho, que eles te podem matar.

(...)

(...)

Variantes – 6a. E. por uma p.; 6b. *omite* e; 7a. m. espada [?] t.

Nota – Ao chegar ao v. 7 (o verso *charneira*, comum às versões da Má Sogra e às do Regresso do Navegante, e que, na presente versão, ocasiona a passagem de um tema para o outro) a informante hesita um tanto. Embora, depois, o colector tenha recordado a continuação do romance da Má Sogra à informante, esta não deu mostras de o conhecer como tema autónomo, ou seja, não incorporado ao Regresso do Navegante. A informante acaba afirmando: “Isso é muito grande, mas agora já não me lembro”.

– 4 –

A APOSTA GANHA + CONDE CLAROS FRADE

Adelina Feliciano (V. versão n.º 2).

- Ala, ó minha mãe, ala, venha-me dar de jantar.
2 Eu hoje fiz uma aposta para perder ou ganhar.
– Que aposta fizeste, meu filho, que não a possas ganhar?
4 – Vou ficar com a Mariana até os galos cantar'.
Mariana é muito esperta, não a podes enganar.
6 – Visto-me em trajes de menina, vou pela porta passear.

E a princesa estava à janela, disse-lhe:

- Oh que menina tão linda que ali anda a passear!
8 – Vou ficar à estalagem, amanhã por aqui pousar.
– Isso não, minha menina, não, isso não quero aceitar.
10 Ainda tenho casa e cama para a menina obsequiar.
– Isso sim, minha menina, isso quero aceitar.
12 Eu entro pela janela, quando o papá estiver a jantar.

E depois ele... começaram a dizer onde é que ficava?, onde é que ficava?, e ela disse: – Somos duas meninas donzelas, podemos

dormir as duas. Depois:

- Era meia-noite em ponto, Mariana queria gritar.
14 – Não grites, Mariana, não grites, não me queiras difamar!
Sou o Conde de Montalvares, contigo quero casar!

E depois a mãe disse-lhe assim:

- 16 – Deixa-te andar, Mariana, deixa-te andar a brincar,
que hoje se corta a lenha, amanhã vais a queimar.
18 – Não se me dá que me queime nem que me faça mais mal.
Tenho pena é do meu ventre, que é do meu sangue real.
20 Não há por aí um paisana que meu pão queira ganhar,
de me ir levar uma carta ao Conde de Montalvar?
22 Se ele estiver a dormir, deixai-o vós acabar;
se ele estiver a comer, deixai-o vós acabar.
24 – Aqui tem, ó senhor conde, nova de grande pesar:
a menina com quem dormiu, amanhã, vai a queimar.
26 – Não se me dá que a queimem, não se me dá por mais mal;
tenho pena é do seu ventre, que é do meu sangue real.
28 Veste-se em trajes de padre e a vai salvar.

E, depois, a justiça ia para a queimar. O conde disse-lhe assim:

- Onde vais tu, justiça, onde vais, justiça malvada?
30 Vais com essa menina que ainda não está confessada.
– Confesse-a o senhor padre, enquanto nós vamos jantar.
32 – Venha cá, minha menina, venha-se cá confessar.
No meio da confissão, um beijo me há-de dar.
34 – “Um beijo me há-de dar”!? Deus do Céu não permitisse tal!
Cara que o conde beijou mais ninguém torna a beijar.
36 – Venha cá, minha menina, venha-se cá confessar.
No meio da confissão, um abraço me há-de dar.
38 – “Um abraço me há-de dar”!? Deus do Céu não permitisse tal!
Cara que o conde abraçou ninguém mais torna a abraçar,

40 e a mim me está parecendo o Conde de Montalvar!

– Mesmo esse é que eu sou, venho aqui para te salvar!

42 Ferraduras de bronze meu cavalo mandei ferrar.

Uma jornada de oito dias, uma noite havemos de andar.

Variantes – 2a. que e; 3a. Q. a. não... (*engano da informante, logo emendado como vai no texto*); 4. omite; 8a. V. comer à; 10a. c. e mesa; entre 10 e 11, de uma das vezes em que repete o romance, a informante acrescenta o seguinte, que parece engano: Depois ela tornou a andar./ – Ai que menina tão linda que ali anda a passear!/ – Vou ficar à estalagem, amanhã por aqui pousar.; 14 e 15. omite; 14a. omite o primeiro N. g.; 22 e 23. inverte a ordem; 26a. omite a; 26b. nem que me façam m. m.; 27a. d. meu v.; 29a. t., ó j.; 30. E. m. q. aíavas a. n. vai c.; 32 omite; 33b. u. abraço m. (*engano da informante, logo emendado como vai no texto*); 35b. nunca m. n. me t.; 40. omite; 42. omite; 42a. Ferradura d.; 43a. d. quinze d.; 43b. n. devemos d.

–5–

FREI JOÃO

Virgínia Gertrudes Natália, 84 anos. Murteira, 24-7-1985.
Recolha de J. J. Dias Marques.

– Abre-me a porta, feliz, que eu estou com o pé na geada.

2 Se me não abres a porta, não és feliz, não és nada.

– Eu não te abro a porta,

4 que tenho meus filhos ao peito e meu marido à ilharga.

Palavras não eram ditas, o marido que acordava.

6 – Que é isso, mulher minha, quem contigo conversava?

– Vieram os moços do forno, vindo ver se eu amassava.

8 Que eu amassasse com leite e deitasse pouca água.

Levanta-te daí, marido, vai fazer uma caçada.

10 O marido veio para casa, não acha mulher, não acha nada.

– Deixa-me ir à procura dela. Encontra-me [?] mais [?] na
água [?]

12 De onde vens, mulher minha, que vens toda regalada [?]?

- Venho de ouvir a missa nova, venho toda regalada.
14 – Deita os joelhos ao chão (...) (...) (...) (...)

Variantes – 2b. f. nem é.; 9. O marido que vai para a caça (engano da informante, emendado, depois de algumas hesitações, como vai no texto).

–6–

DELGADINHA

Adelina Feliciano (V. versão n.º 2).

- Sulivana fosse minha, fosse minha namorada,
2 de ouro andavas vestida e de prata andavas calçada.
– Isso não, ó meu pai, não, isso é coisa que não fazia.
4 Dar um passo ao Inferno é coisa que Deus não queria.
– Mando fazer uma torre bem alta, de onde só veja a luz do dia.
6 O pão será venenoso e a água nunca mais viria.
Sulivana escada abaixo, muito triste, apaixonada,
8 Viu as suas manas a bordar numa almofada.
– Queridas manas do coração, queridas manas da minha alma,
10 pelo amor de Deus lhe peço que me dê um copo de água.
– Dar-te água, minha querida mana, o nosso pai já jurou,
12 dar água à Sulivana o pescoço degolou.
Escada acima, escada abaixo, Sulivana apaixonada,
14 encontrou os seus manos a jogar à espadeirada.
– Querido mano do coração, querido mano da minha alma,
16 pela luz de Deus lhe peço que me dê um copo de água.
– O nosso pai já jurou
18 quem desse água à Sulivana o pescoço degolou.
Sulivana, muito triste, assubiu as escadas,
20 encontrou o seu pai. (...) (...) (...) (...)
– Querido pai do coração, querido pai da minha alma,
22 pelo amor de Deus lhe peço que me dê um copo de água.
– Correm todos os meus criados dar água à minha filha!

24 O primeiro que lá chegar ganhará uma prenda minha!

Depois, uma das irmãs respondeu:

– Sulivana não quer água, Sulivana não quer nada.

25 A alma dela vai para o Céu e a do pai será queimada.

Variantes – 5a. Manda-te... (*engano da informante, logo emendado como vai no texto*); 9. *inverte a ordem dos hemistíquios (engano da informante, logo emendado como vai no texto)*; 10a. pela lei d.; 11. Isso não, o n. p. j. j.; 12a. quem desse à.; 13 e 22. *omite*; 23a. *omite os*; 23b. levar à.; 24a. q. cá c.

Nota – 7b. e 13b. apaixonada tem aqui, naturalmente, o sentido antigo de “amargurada”.

–7–

OUTRA VERSÃO DE DELGADINHA

Sofia Maria, 67 anos. Murteira, 11-1-1986. Recolha de J.J. Dias Marques.

– Aldininha, queres ser minha, queres ser minha namorada?

2 Se Aldininha fosse minha, de oiro a vestia, de prata a calçava.
Seu pai, quando tal soube, não mandou fazer mais nada:

4 mandou fazer uma torre para Aldininha estar fechada.

A Aldininha assubiu a uma janela mais alta que a torre tinha,

6 para avistar suas manas na janela da cozinha.

– Ó manas que Deus me deu, daram[?]-me uma pinguinha de
[água.

8 A fome e a sede já me aperta, coração me deixa a alma.

– Ó mana, não te dou água, ó mana, não te dou nada.

10 O maroto do nosso pai até a água traz fechada.

A Aldininha assubiu a outra janela mais alta que a torre tinha,

12 para avistar sua mãe na janela da cozinha.

– Minha mãe que Deus me deu, dê-me uma pinguinha de água.

14 A fome e a sede já me aperta, coração me deixa a alma.

– Corram todos os meus criados para dar água à Aldininha!
16 O primeiro que lá chegar recebe uma prenda minha!
O primeiro que lá chegou foi dar com a Aldininha morta.
18 – Corram todos, meus criados, a Aldininha vai para a morga!
A Aldininha vai para a morga, a Aldininha já morreu
20 por culpa do seu pai. Quem vai julgá-lo sou eu.

Variantes – 6a. a. as s.; 12a. a. a s.

–8–

O LAVRADOR DA ARADA

Adelina Feliciano (V. versão n.º 2).

Vindo o lavrador do monte e encontrando o pobrezinho,
2 o pobrezinho lhe disse se o levava no carrinho,
e o lavrador o levou para a melhor sala que tinha.
4 Mandou-lhe fazer o jantar do melhor manjar que tinha:
eram patos e galinhas – o pobre nada comia.
6 As lágrimas eram tantas que até o prato lhe enchia.
Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha:
8 por baixo, prata lavrada, por cima, cambraia fina.
Era meia-noite em ponto e o pobrezinho gemia.
10 Alevantou-se o lavrador, para ver o que o pobre tinha:
era o Jesus crucificado numa cruz de pedra fina!
12 – Ó meu Deus, se eu bem soubesse que eu na minha casa tinha,
eu punha-Lhe outros preparos! Ó meus Deus, eu não nos tinha!

Variantes – 1b. encontrou-lhe [?] um p.; 2a. e o p.; 2b. que o l.; 3a. omite e; 6. *omite (mas, apercebendo-se do engano, logo acrescenta este verso, como vai no texto)*; 6b. a. os pratos e.; 9b. *omite e*; 13a. *omite eu*.

Nota – À pergunta dos colectores sobre se este romance era cantado, a informante responde: “Isto não se cantava. Era uma senhora que estava... A gente estava num tanque a lavar, iamos lavando, e ela ia dizendo essas coisas”.

–9–

NOVA PARA CASAR

Sofia Maria (V. versão n.º 7).

- Adeus, ó Casal da Serra, lá no meio tem uma roseira,
 2 'inda há pouco lá morreu uma menina solteira.
 Era pequenina e nova e sabia namorar,
 4 ela pediu ao seu pai licença para casar.
 O pai lhe disse para ela: – Ó filha, o que vais fazer?
 6 Na flor da tua idade, vais-te deitar a perder.
 O amor foi a correr à botica da Mealhada,
 8 trouxe-lhe um limão em pó, trouxe-lhe outro engarrafado.
 Quanto mais ela bebia, mais ela se afligia.
 10 – Adeus, pai, e adeus, mãe, adeus, cunhada Maria.
 Vou fazer 18 anos debaixo de terra fria.

Notas – *Este romance cantava-se (a cappella) para acompanhar os bailes que se faziam na rua.*

À pergunta do colector sobre se “Casal da Serra” (1a.) é um topónimo da região, a informante responde: “Não. Boh... ele há ali um casal que se chama Casal da Serra, logo ali no fim desta estrada, mas não sei se era daí...” Curiosamente, não longe da Murteira existe também uma povoação chamada Mealhada (cfr. 7 b.).

O enigmático v. 8 é provavelmente alteração de algo como “Trouxe-lhe solimão [“sublimado corrosivo, veneno”] em pó, trouxe-lhe uma garrafada [“medicamento que vem da farmácia em garrafa”, rimando assim com “Mealhada” do v. 7]. Aliás, “garrafada” é um termo que surge nas duas versões deste romance recolhidas por Costa Fontes (Cfr. Romanceiro Português do Canadá, n.º 498, v. 8 e n.º 499, v. 8). Quanto ao “solimão”, é usado como sinónimo de “veneno” em algumas versões do Veneno de Moriana [cfr. Costa Fontes, Romanceiro da Província de Trás-os-Montes (Distrito de Bragança), n.º 523, v. 17 e n.º 524, v. 9], existindo mesmo uma versão desse romance (cfr. Leite de

Vasconcelos, op. cit., n.º 541, v. 6) onde deparamos com “bô limão”, forma que nos parece uma clara corruptela, a meio caminho entre o “solimão” inicial e o “um limão” do texto da Murteira.

Roma, Maio de 1987